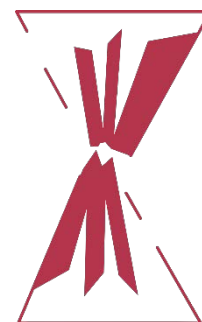


***Museu, memória, testemunho e a construção do fato: um estudo do caso Seodaemun Prison History Hall, Seul-Coreia do Sul<sup>1</sup>***

***Museum, memory, testimony and the construction of fact: a case study Seodaemun Prison History Hall, Seoul-South Korea***



OLIVEIRA, Camila Regina\*

**RESUMO:** O presente trabalho expõe a organização da exposição permanente do Museu *Seodaemun Prison History Hall*, localizado em Seul, na Coreia do Sul, como construtor do fato histórico – a brutal colonização japonesa na Coreia – e como as memórias e testemunhos possibilitaram que fossem definidas as narrativas expostas no museu, os objetivos e impactos causados aos visitantes. O trabalho parte de uma breve exposição de como a Coreia foi colonizada pelo Japão no início do século XX. Segue pela discussão possibilitada pelos debates em sala de aula sobre a construção do fato, a memória e o testemunho na narrativa histórica. Por fim, foca na organização disponível no Museu e os impactos gerados pela exposição, porém analisando o lugar como responsável por difundir um dos mais sensíveis momentos da história da sociedade coreana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coreia; Museu; Memória; Colonização japonesa.

**ABSTRACT:** This paper presents the organization of the permanent exhibition of the Seodaemun Prison History Hall, located in Seoul, South Korea, as a constructor of the historical fact - the brutal Japanese colonization in Korea - and how the memories and testimonies allowed the narratives to be defined exhibited at the museum, the objectives and impacts caused to visitors. The paper starts from a brief exposition of how Korea was colonized by Japan in the early twentieth century. It follows the discussion made possible by classroom debates about the construction of fact, memory and testimony in a historical narrative. Finally, it focuses on the organization available in the Museum and the impacts generated by the exhibition but analyzing the place as responsible for spreading one of the most sensitive moments in the history of Korean society.

**KEYWORDS:** Korea; Museum; Memory; Japanese colonization.

*Recebido em: 02/07/2019  
Aprovado em: 17/09/2019*

---

<sup>1</sup> Apresentado primeiramente como trabalho final para a disciplina "Narrativa, imagem e a construção do fato histórico", oferecida pela Professora Doutora Ana L. Nemi no Programa de Pós-Graduação PROFHistória da Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, estado de São Paulo (SP) em 2018.

\* Graduada em História pela Universidade de São Paulo (USP), estado de São Paulo (SP), mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos (SP), Brasil. E-mail: oliveiracamila.hist@gmail.com.

## Introdução

Aquém das articulações econômicas e culturais da região ocidental que se modernizava com velocidade, a Coreia, anteriormente conhecida como Joseon<sup>2</sup> (Dinastia Yi)<sup>3</sup> foi um país que viveu séculos de marasmo político e social. Aproximadamente dois séculos sem relevantes transformações e progressos, de um processo histórico lento de acordo com as necessidades e possibilidades que implicam na construção cultural distinta das concepções do desenvolvimento ocidental capitalista. Os líderes políticos e a elite coreana encararam uma mudança radical com o imperialismo ocidental introduzido na Coreia em 1832 por forças britânicas da *British East India Company* e tratados de acordos mercantis (SETH, 2010, p. 32).

Na segunda metade do século XIX, a Coreia passava por um declínio em sua dinastia, com crise política interna e dificuldade em monitorar as relações com países externos, que forçavam a abertura da península comercialmente. No caso, países como França e Estados Unidos foram os países que lançavam-se a Coreia para acordos diplomáticos, porém, sem sucesso. Simultaneamente os Estados Unidos forçavam o Japão a negociar com o Ocidente. Navios de países imperialistas apareciam frequentemente na costa coreana. A ocupação de Peking em 1860 por comando da França e Grã-Bretanha causou um choque para a sociedade coreana que percebeu a necessidade em se fortalecer militarmente para defender seu território. (HAN, 1970, p.364)

Com a morte do rei *Cho Ol- Chong*<sup>4</sup> (1849-1864), seu neto herdeiro *Kojon*,<sup>5</sup> na época menor de idade, permitiu que seu pai *Taewon Gun*<sup>6</sup> assumisse o papel de regente. *Taewon* designou um programa de reformas a fim de fortalecer a monarquia e o poder central do governo, reconstruiu e restaurou palácios e institutos reais, realizou medidas para aumentar taxas tributárias e criou novos impostos para a aristocracia e, sobretudo, os plebeus.

---

<sup>2</sup> Leia-se Josón.

<sup>3</sup> Coreia estagnada em uma dinastia burocrática e confucionista -- A Dinastia Joseon foi um reino coreano fundado por Yi Seonggye que durou cerca de cinco séculos, de 1392 a 1897. Durante a dinastia Joseon, a nação consolidou-se pelo seu domínio absoluto sobre o território coreano antecessor a Guerra da Coreia. Seu caráter político incentivou o fortalecimento dos ideais confucionistas e doutrinas na sociedade coreana, fortalecendo a camada aristocrata da sociedade, estagnada no desenvolvimento das bases pobres. Importou e adaptou a cultura chinesa, engrandecendo a cultura coreana clássica, comércio, ciência, literatura e tecnologia (HAN, 2011).

<sup>4</sup> Leia-se Go Our Chon.

<sup>5</sup> Leia-se Gojón.

<sup>6</sup> Leia-se Têwon Gun.

Enquanto isso, o Japão passou por uma mudança radical com o colapso do império de *Tokugawa Shogunate* e a instauração do novo governo Meiji,<sup>7</sup> em 1868. Em janeiro de 1869, um enviado da ilha japonesa de *Tsushima* chegou a Busan – cidade do litoral sul e maior portuário coreano – para anunciar o novo governo. Os servidores públicos coreanos recusaram-se a recebê-los por se sentirem ofendidos com a ideia de uma instalação imperial. A recusa coreana de receber a notificação da restauração do governo imperial era altamente ofensiva para os novos líderes do Japão, que visavam garantir o apoio coreano de todo modo.

A importância estratégica territorial da Coreia para acordos mercantis não foi esquecida nos debates internos japoneses sobre a situação Japão-Coreia (CUMINGS, 2005, p. 147). Em 1873, alguns oficiais de *Meiji* discutiram seriamente a invasão da Coreia pelo mar sul. Em maio de 1875, o Japão enviou o navio de guerra *Unyo* para Busan e, duas semanas depois, um segundo navio. Exibindo navios modernos construídos no Ocidente convidaram a Coreia a um conflito, disparando suas armas em demonstração de poder. Em resposta, navios coreanos foram enviados a Busan para proteção interna. Em fevereiro de 1876, *Kuroda Kiyotaka* desembarcou em *Kanghwa* com substancial força militar, exigindo a rendição coreana e a abertura de relações diplomáticas e comerciais com o novo governo japonês (SETH, 2010, p. 44).

Debilitado, o governo coreano assinou o Tratado de Kanghwa<sup>8</sup> no mesmo mês de 1876, no qual a Coreia reconhecia a nova administração do Japão, concordando em abrir uma série de portos para os japoneses, inclusive Busan. O tratado implicou que a Coreia fosse reconhecida como um Estado livre do Estado chinês; essa concepção, para a comunidade internacional, implicava que a Coreia estava ao dispor do Japão (SETH, 2010, p.13). Outros acordos do tratado designaram que o Japão tivesse autonomia para explorar a costa e direito extraterritorial da Coreia, ou seja, o país se sujeitava a leis tributárias japonesas. O tratado promoveu o fim do isolamento e permitiu a invasiva política japonesa na Coreia, anexando o país à dominação imperialista no início do século XX.

A relação entre Japão e Coreia estava diretamente ligada à subordinação dos sistemas monetários e de finanças a um sistema fiscal colonial. A nova legislação

---

<sup>7</sup> Por definição, a restauração Meiji foi um movimento que culminou com o fim do Shogunato e restabelecimento do poder imperial, ocorrida em 1868, no Japão. Nesta época, reinava no Japão o Imperador Mitsuhiro, mas quem governava era o Shogun Tokugawa Yoshinobu, chefe supremo das forças militares. “Devido às intrigas imoderadas que o Shogun Tokugawa alimentou, o Império se reduziu a pedaços, e, em consequência, veio a guerra civil [...]. Como já se declarou, a existência de relações com países estrangeiros implica problemas muito importantes.” (Texto imperial de 1868 sobre a Restauração Meiji, presente na obra organizada por Jean Chesneaus (1976, p. 45).

<sup>8</sup> Em resumo, segundo Michel Seth (2010), o Tratado Japão-Coreia de 1876, conhecido como Tratado de Ganghwa na Coreia foi o tratado aplicado ao porto de Busan para que o Japão iniciasse o domínio comercial e de exploração da península coreana. Com esse tratado, a Coreia deixa sua isolamento, minado por um sistema tributário determinado pelo Império japonês.

bloqueou o crescimento de capitalistas na Coreia e, através do cadastro nacional, as autoridades coloniais nacionalizaram acordos em larga escala de venda de terras a preços básicos para fazendeiros e indústrias japonesas. Como resultado, a insatisfação social e a pobreza em que a nação coreana se encontrava converteram-se em uma sociedade política e socialmente descontente, justificando o controle violento imposto pelo Japão à nação coreana para explorar a área. Uma vez que o Japão não compartilhava o mínimo poder com o governo coreano, iniciou-se uma assimilação política e ideológica designada a destruir a consciência nacional coreana.

*Seodaemun*<sup>9</sup> foi construído para ser uma prisão de coreanos que se voltassem contra a colonização; local de julgamentos, torturas e execução. Por sua vez, *Seodaemun Prison History Hall* foi construído para rememorar a prisão de *Seodaemun* e homenagear os patriotas coreanos. Nas instalações originais, é possível contar com um *hall* de exibição, além de caminhar pelas celas, solitárias e salão de julgamento e execução.

Em sua organização, a partir do momento que se entra na sala principal encontramos *A Place of Reverence*, onde é possível aprender sobre a prisão *Seodaemun* através de vídeos e uma larga tela mostra o *background* de fundação e transição histórica; em seguida, caminha-se para o *Reference Room* com vídeos sobre a história da Coreia; seguindo degraus estreitos, encontra-se *A place of History* onde estão situados o quarto de *National Resistance*, o “*Prision History Room*” e o *In prison life room* – nesse quarto as paredes são cobertas por fotografias dos detentos, como trilha sonora e áudios de biografia daqueles presos. *A Place of Experience*, *Temporary Detention Room* e *Torture Room* formam a área sombria do museu, apresentando aparelhos de tortura espalhados e (re)encenação com bonecos de cera. Nas áreas restantes, há exposição de itens pessoais de presos, incluindo diários, declaração do Movimento 1º de Março e o Monumento Patriótico.

Neste trabalho vamos discutir a construção do fato – resistência nacionalista contra o colonialismo japonês – utilizando como objeto cultural o Museu *Seodaemun* e suas narrativas de testemunhos e disposição de memórias.

### **A construção do fato**

Vesentini (1997) apresenta em “A teia do fato” o marco 1930 como o centro da condição da memória, seus eventos conforme efeitos da narrativa histórica na qualidade de produtora da memória. As narrativas formadas por memórias não impedem a

---

<sup>9</sup> Leia-se Sódemun

construção de uma narrativa específica posterior ao seu tempo. Logo, 1930 marca como estabelecedor da periodização de antes e depois que propõe controvérsias em torno de movimentos que dão ressignificação ao movimento histórico. Esse movimento histórico de certa forma, oculta outros acontecimentos que fazem parte do próprio movimento sugerindo que esses acontecimentos deixados de lado não necessariamente acumulam importância para aquele tempo vivido dentro da organização política do país.

O sujeito da enunciação traz a questão de uma construção da narrativa do ponto de vista do testemunho, a respeito de memórias do testemunho que dependem de uma interpretação hegemônica, permitindo, assim, organizar as narrativas a partir do ponto de vista de quem viveu os acontecimentos de 1930, mas narrou suas memórias posteriormente. Dentro da historiografia, o uso de interpretações hegemônicas é estruturado em uma matriz de narrativas hegemônicas do passado.

Isso posto, o autor define que a construção da narrativa pode ser construtora da memória, e que com base nessas memórias é possível construir a história e o fato histórico, permitindo considerar a narrativa como a matéria ou objeto da historiografia. Logo, a produção da memória a partir da narrativa, produz o efeito da historiografia.

Na obra, 1930 é considerado o marco temporal, que não necessariamente tem seu início exato em 1930. As narrativas conduzem memórias que não seguem relações diretas com o tempo do acontecimento, considerando eventos anteriores ou posteriores da revolução de 1930, possibilitam que seja organizada uma relação viabilizando assumir a narrativa como fato histórico – esse, no caso, marcado por outubro de 1930.

Ainda sobre a construção de 1930 como fato, Vesentini (1997, p. 26-27) destaca que:

Sua projeção amplia-se incrivelmente e a recordação liga-o todo um novo conjunto de relações que só posteriormente teriam existido. Pela obra da transubstanciação uma enorme gama de significações pode ser alocada aos episódios de um dia, um mês, convertidos em fato histórico – revolução de 1930. E isso com tal força diante das práticas sociais que soa como se fosse apenas este – o fato – responsável por todas as implicações e decorrências capazes de anular todos os outros dias (...).

A construção historiográfica, definida por matriz, produz o fato, mas o testemunho coloca 1930 como o fato em si. Essa divergência acontece por causa da espessura temporal do fato. Perguntar sobre a espessura do fato de 1930 é perguntar sobre os projetos políticos que se constituíram ou deixaram de ocorrer. Assim, para cada testemunho, os acontecimentos de 1930 têm diferentes percepções que se divergem quanto à construção historiográfica, revelando se aquele ano é considerado um fato ou não para os testemunhos na formação da historiografia. O trabalho com o fato é

desenvolvido através da memória dentro da já citada matriz narrativa; a preocupação do autor é como constituir 1930 como um fato. “É preciso ainda citar formas de comportamento inconscientes, guiadas por instituições ou que criam suas próprias instituições e que tanto ampliam delimitam os campos de ação e experiência.” (KOSELLECK, 2006, p. 136). E ainda, os “eventos são provocados ou sofridos por determinados sujeitos, mas as estruturas permanecem supra individuais e intersubjetivas. Elas não podem ser reduzidas a uma única pessoa e raramente a grupos determinados.” (KOSELLECK, 2006, p. 136).

Ao constituir o fato, deve-se compreender que este é parte interferente da memória do sujeito, que ilustra qualquer questão reportada ao passado. Uma situação qualquer para indivíduos distintos pode ter focos igualmente diferentes, ampliando determinados acontecimentos e excluindo outros. Para o historiador, comparar os passados vividos depende da possibilidade de recorrências em comum.

Os acontecimentos de 1930 foram uma ruptura que remetem à nova performance inserida em meio à situação política de revolução e ações. Assim, é possível dizer que, nesse caso, as ações tenham atuado de modo mais determinante que a revolução de outubro de 1930 por si.

A transubstanciação liga no tempo algumas ações, e ações coletivas, com certas ideias, criando o fato -- e neste lugar da política. O fato perde boa quantia de significados, à vista imediata, assumindo essa expressão concreta, despida como a pedir, uma interpretação. (VESENTINI, 1997, p.45)

Como no caso, houve uma transformação no movimento histórico, as estruturas de longo prazo colidem com o avanço da transformação estrutural. De modo que, ao refletir metodologicamente a isso, as estruturas e suas transformações podem ser (re)convertidas em experiência quando seu período de duração não ultrapassar a unidade de memória das gerações contemporâneas (KOSELLECK, 2006).

Portanto, podemos considerar que as ações e estruturas têm diferentes extensões temporais no campo de experiência do movimento histórico. A narrativa, como objeto do historiador, ajusta-se às estruturas possibilitando que o fato se determine.

O historiador pode enriquecer o fato através de seu estilo de escrita se, no processo de rememorar, o faz de modo especial, dando enfoque ao fato de fora; se a precisão o determina como produto de uma ação e cuja existência permite manter o pensamento vivo. Porém, considerando que o conteúdo do fato não representa uma totalidade idêntica de circunstâncias do passado, pode-se considerar que o historiador está sujeito pelos testemunhos da realidade passado. Os eventos passados relatados

pelos testemunhos não podem ser maiores do que o conteúdo das estruturas, pois essas passam pelas construções da narrativa histórica determinadas pelo historiador.

### **Testemunho e memória**

Quando pensamos nas relações entre passado e presente em consideração à experiência, a memória é reconfigurada pela história. A história, em sua razão, tem papel estruturante e possibilita encontrar no tempo presente funções dos problemas ao mesmo tempo em que seleciona os sujeitos de enunciação. O trabalho do historiador é evidenciar, selecionar e construir a história em uma estrutura atenta às dimensões e críticas. Configura-se, então, em estruturas narrativas posicionadas para dar autoridade ao historiador. Essa autoridade concede ainda a escolha de circunstâncias que permitem construir um fato que, geralmente, segue interesses de vozes vencedoras em algum marco temporal.

Assim, considerando que a historicidade e historiografia são reconfigurações das experiências apresentadas com a história, o historiador adquire contato com alguma verdade, observando que nenhuma experiência é a mesma. Logo, essas experiências não nos fornecem a verdade, mas o trabalho com as fontes permite uma aproximação dela.

Na obra *Tempo Passado*, Sarlo (2007) questiona sobre a preservação da memória e sentidos da experiência, argumentando sobre o uso de testemunhos como anunciadores da verdade relativos ao tempo presente enquanto narram o passado.

A dupla utilização de "lembrar" torna possível o deslocamento entre lembrar o vivido e "lembrar" narrações ou imagens alheias e mais remotas no tempo. É impossível (a não ser num processo de identificação subjetiva inabitual, que ninguém consideraria normal) lembrar em termos de experiência fatos que não foram experimentados pelo sujeito. Esses fatos só são "lembrados" porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, política e até familiar (a lembrança em abismo: "lembro que meu pai lembrava", "lembro que na escola ensinavam", "lembro que aquele monumento lembrava. (SARLO, 2007, p. 90)

O diálogo entre Sarlo e Vesentini apresenta análises das reconstruções da memória, seja de vítimas e familiares de vítimas das ditaduras na América Latina, seja dos testemunhos dos eventos ocorridos em 1930, no Brasil, que permitem o mapeamento de memórias, caracterizando-as como narrativas de testemunhos. Ambos trabalham sobre o lugar dos testemunhos no processo dos acontecimentos que se tornam fatos. Sarlo se dispõe a analisar as falas de testemunhos ao conhecimento da preservação da memória das ditaduras e trabalha com as experiências vividas por tais testemunhos em



relação com a “verdade” e os sentimentos que carregam as memórias, fazendo crítica aos sentimentos e “memórias de memórias.”<sup>10</sup> (SARLO, 2007, p. 47).

É primordial a crítica da fala em si como um acontecimento derivado de uma “teia” que permite formação e registros das falas, a necessidade de entender as falas e os relatos entre suas distinções e o modo que o historiador escreve sobre, fazendo com que as palavras virem representações ordenadas.

A fim de validar e organizar as falas do relato histórico, o historiador deve desconfiar da fonte e de suas falas, separar o que é viável dentro da escrita e, assim, construir uma teia de fatos bem constituída. O trabalho com testemunhos e memórias apresenta a necessidade intrínseca de considerar as falas opostas e contrapô-las a fim de compor a teia. O sentido desse trabalho contém rupturas e deslocamentos das falas e fontes. Com isso, o historiador define casualidades, fatos, momentos, ações interferentes na constituição das narrativas.

O cuidado com análises dos relatos das memórias conduzidas pelo testemunho, junto com o uso de outras fontes materiais (objetos, documentos, imagens, entre outros), permitiu que fosse estruturada dentro do *Museu Saedaemun Prison* simulações do cotidiano, a fim de resgatar e fixar as memórias sobre algumas das ações ocorridas na Coreia durante a colonização japonesa no início do século XX.

Para recriar o passado, ordenando a teia envolvendo a emoção, viabiliza diversas possibilidades de constituição do passado, que no presente sofre certa alteração, oferecendo à memória problemática que devem considerar a reivindicação de memórias e patrimônios, com o propósito de afirmar a memória coletiva. Sobre memória coletiva considera-se que:

Buscando encontrar as formas de compartilhamentos de memórias, Candou formula o conceito de metamemória como aquele que mais poderia aproximar-se da ideia de coletivo. A ideia de que os sujeitos fazem de sua própria memória é, portanto, originária das formas sociais de transmissão das informações. [...] essa transmissão é mediatizada por diferentes veículos (objetos, saberes, tradição oral, etc) de formas diversas, conscientes ou inconscientes. (FERREIRA, 2008, p. 55)

Por estar fadada ao contato maior com o esquecimento do que com o compartilhamento da memória – pois o que é lembrado é menos do que o quanto se é esquecido ou alterado –, os empreendimentos patrimoniais são aspirações de produção

---

<sup>10</sup> Refiro-me ao que Sarlo (2007, p. 92-94) elucida ao referir-se das pós-memórias: memórias da memória de alguém. Memória das mídias, memórias carregadas de sentimentos, que não trazem relevância a construção de fatos. Sarlo levanta a problemática de que o problema da Verdade, no caso dos testemunhos, tende a ser tratada como inquestionável. Para ela, “esses discursos testemunhais, sejam quais forem, são discursos e não deveriam ficar confinados numa cristalização inabordable”.



de memórias coletivas. Quanto aos museus, as apresentações de memórias de modo público carregam emoções, culpa e defesa coletiva. Os discursos e interpretações que alguns museus e exposições podem exibir estão fadados à recepção acalentando a vitimização ou, ao contrário, provocações por quem pode sentir-se ofendido. Esses são alguns elementos recorrentes entre as disputas de memórias vinculadas a traumas ainda presentes na história coletiva.

## O museu

Museus e exposições são lugares de apresentação de memórias que envolvem sentimentos de conflito ou conforto aos visitantes. Seu papel vai além da simples exibição pesada e imutável de objetos, faz uso de justificativas e objetivas em espaços pedagógicos estabelecidas para expressar como se deseja que o lugar, as narrativas e as memórias sejam reveladas ao público. Em seu discurso e disposição, que envolvem o público, associações, intelectuais e individualidades, ressalta a cultura material e elementos imateriais de experiências que dão espaços a usos e sentidos ali narrados.

*Seodaemun Hall*, como museu, foi aberto em 1998 nas instalações originais construídas pelos oficiais japoneses durante a ocupação, com o objetivo de lembrar aqueles que denunciavam abusos e como forma de resistência, como homenagem a honra dos patriotas presos, torturados e executados nas dependências da prisão.

Segundo as diretrizes oficiais, a montagem do museu foi pensada para a educação de crianças e jovens sobre as atuações japonesas e os movimentos anti-Japão existentes. Apesar da retirada dos japoneses em 1945, com o fim na Segunda Guerra Mundial, a construção de *Seodaemun* foi usada ainda como prisão até 1987. A partir de 1995, o distrito da região de *Seodaemun* elaborou o plano de renovação do '*Seodaemun Independence Park*' seguindo a propostas do então presidente Kim Young Sam – que teve o compromisso de enfatizar a identidade cultural sul-coreana. Seu plano de governo enfatizava programas e políticas de promoção da cultura e turismo, além de programas de educação cultural. A curadoria responsável pela exposição permanente criou uma narrativa que tornasse vívido o sofrimento dos presos que lutavam pela libertação da colônia em suas lutas de resistência.

Devido ao turbulento início do século XX, com ataques japoneses adentrando a península coreana, coagiu o surgimento de movimentos de resistência pela península. Com o fortalecimento do Japão, houve uma disputa que matou quase 9000 soldados coreanos e, a partir disso, foi instalado no território a Polícia Militar japonesa, conhecida

como Kempeitai,<sup>11</sup> responsável por garantir que a resistência fosse controlada. Dentro da Kempeitai havia a corte de inteligência japonesa encarregada de investigar, prender, julgar e torturar coreanos supostamente pertencentes às guerrilhas espalhadas pela colônia.

Há uma sala coberta por fotografias dos prisioneiros, com a exibição do documentário *Live voice testimony by patriotic ancestors* em pequenas telas e alto falantes ecoando narrações de mensagens de prisioneiros que resistiram à brutalidade japonesa. Para quem visita esta sala, é possível identificar um orgulho coreano ao reconhecer em ancestrais a força de luta em prol de uma solidariedade nacional. É interessante, já neste ponto do museu, questionar: o museu é um lugar de armazenamento de memória ou de construção dela?

Cummings (2005) discute porque acadêmicos coreanos estão inclinados a engajar uma aproximação histórica. Primeiro eles recriam tal aproximação através da história oral, como poucas gravações existentes são particularmente do período entre 1935 e 1945. Seodaemun Prison History Hall também sugere que a escassez de materiais históricos e testemunhos dados por sobreviventes priva a Coreia contemporânea de ter a oportunidade de dividir memórias de seus sentimentos com sobreviventes que experimentaram tais dias de prisão (SATO, 2011, p. 03)

O projeto do *Seodaemun Prison History Hall* foi pensado para que os visitantes experimentassem a agonia dos prisioneiros coreanos em cada sala do museu (SATO, 2011, p. 4), se auto identificando como um lugar de fortalecimento da luta patriótica. Da sala de fotografias dos prisioneiros às salas seguintes, a utilização de multimídias de vídeos e animações sobre o período buscam consolidar o discurso de pátria, de honra nacional obtida pelos que lutaram contra o colonialismo e pela soberania coreana.

Como museu, o espaço tem a condição de adaptação e conservação dos eventos históricos em uma construção imaginária e ideológica do passado, tendo, assim, um lugar de conforto ao que se sugere em toda sua apresentação.

O que particularmente chama a atenção no museu são as reproduções de cenas cotidianas em determinadas salas. Ao passar pelo primeiro andar com a sala de fotografias, a sala de vídeo e testemunhos, passa-se por um corredor, ainda com o uso de imagens e animações que contam a história da colonização japonesa e se segue até o segundo andar. Neste andar, há montagem de salas com documentação oficiais de

---

<sup>11</sup> “Os Kempeitai, a polícia secreta do Japão e o serviço de contraespionagem, eram mantidos justificadamente nos territórios militarmente ocupados pelo que os japoneses chamavam de “Grande Esfera de Co-Prosperidade” de seu império da Segunda Guerra Mundial.” (BROWN, 1994, pp. 163-167, tradução nossa). [No Original]: “The Kempeitai, Japan's secret police and counter-espionage service, were held in justifiably inordinate dread in the militarily occupied territories of what the Japanese called 'Great Co-Prosperity Sphere' of their World War II empire.” (BROWN, 1994, pp. 163-167).

juízos, prisões, objetos pessoais de prisioneiros, e instrumentos utilizados desde higiene, alimentação, entre outros. O visitante recebe um montante de imagens e sons que asseguram uma perspectiva de encontro com seus semelhantes que lutaram pela liberdade, seguidos pelo contexto histórico logo no primeiro andar. Isso sugere que o visitante já receba uma carga de memórias possibilitando a apropriação dos sentimentos sugeridos. Tanto que chegar ao segundo andar com os objetos pessoais e documentação, intensificam a experiência, amplificando o fenômeno de ingestão do passado narrado.

Nessa disposição, a montagem do museu leva o visitante a descer uma rampa, ainda cercada de imagens referentes ao período, seguindo para uma área onde reproduções de celas abertas à visitação. Há a sala de interrogatório, a cela de espera, a solitária e, então, chega-se ao porão onde havia a utilização de instrumentos de tortura. Ali o espaço se divide em reprodução com bonecos de cera, muito utilizados em museus coreanos, encenando as disposições de interrogatório e tortura, e também são disponibilizados alguns instrumentos para que o visitante experimente, por si mesmo, a agonia que fora registrada pelas memórias e testemunhos dos prisioneiros, já vistos nas salas anteriores.

De lá, segue-se para o outro prédio, onde eram as celas de fato. Lado a lado, celas pequenas com bonecos de cera, marcações nas paredes originais. Acima, um boneco de cera de um policial japonês observando tudo. Havia a reprodução do modo que se podia dormir, defecar, e se comunicar com o companheiro da cela ao lado.

Do lado de fora, um espaço para exercícios físicos – um túnel/labirinto para caminhada em fila. O tanque onde roupas eram lavadas, uma pequena sala de costuras onde as coreanas eram obrigadas a costurar uniformes militares para os japoneses. Há ainda, uma ala separada para dedicar uma homenagem às mulheres prisioneiras, com o uso novamente de curtas-metragens da biografia das mais importantes mulheres dos Movimentos de resistência, de músicas que expressam o sentimento triste de luta nacionalista.

A construção da narrativa sobre a colonização japonesa colocada em *Seodaemun* conta com certo excesso de denúncia contra o Japão. Por toda exposição, há referências sobre o Japão impondo poder e domínio sobre indivíduos da nação coreana que lutavam pela liberdade nacional.

Não para menos, há também uma parede onde é possível que os visitantes deixem “sua marca” e a maioria dos discursos daquelas mensagens são semelhantes ao grito dos mesmos que foram presos por lutarem contra a colônia, em memória por aqueles qual o museu retrata: “Reduzir nosso fardo e ressentir o sentimento de ser tratado injustamente”; “Japão, nós somos infelizes, promotores de revitalização”; “Um país sem

poder sempre sofre de opressão"; "Eu saio e procuro por aqueles que torturaram nossos ancestrais."<sup>12</sup>

A disposição da exposição permanente do museu, bem como as propostas de interação com o público, simboliza alguma revolta sobre a colônia e repressão contra os coreanos. A precursão iniciada na primeira sala, com as fotografias e mensagens, e todo o movimento da exposição, que, ainda possibilita eternizar os sentimentos sobre aquilo aprendido no museu, é um caso que demonstra o cumprimento do papel de um museu, ao trazer o debate sobre memórias e como é abordado num plano de passado e presente. É, sem dúvidas, um espaço de sentidos, que usa a experiência, o audiovisual e representações como elementos presentes em sua narração com toda nuance evocativa de memórias e, simultaneamente, constroem-se novas memórias de visitantes, que mais tarde, são reproduzidas em forma de "Quando visitei *Seodaemun History Hall*, aprendi que...".

**Imagem 1.** Área externa do Seodaemun Hall<sup>13</sup>.



Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>12</sup> [No original]: "Reduce our burdened resentful feeling of being treated unfairly"; "Japan, we are unfortunate, make our ancestors revive"; "A powerless country always suffers from oppression", "I set out and look for those who tortured our ancestors". Referências pessoais anotadas durante a visita ao Museu *Seodaemun*, em fevereiro de 2017.

<sup>13</sup> É nítida a exaltação patriótica através da bandeira nacional hasteada na parede externa do museu.

**Imagem 2.** Sala de interrogatório com o uso de bonecos de cera no Seodaemun Prison Museum.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 3.** Sala de tortura com reprodução a partir de bonecos de cera. Interrogatório e tortura ao mesmo tempo. Prisioneiros com as mãos atadas recebiam choques chicotadas.



Fonte: Alamy.com: <https://www.alamy.com/stock-photo/seodaemun-prison-history-museum.html>. Acesso em: 18 nov. 2018.

**Imagem 4.** Sala de tortura<sup>1</sup> a partir de bonecos de cera. Amarrados de ponta cabeça, com água fervente sendo jogado no corpo do prisioneiro.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 5.** Um dos instrumentos de tortura disponibilizados para que o visitante “vivencie” o que prisioneiros sofreram com as prisões. Neste instrumento há uma espécie de chapéu de palha para cobrir o rosto do torturado. Suas mãos presas a algemas coladas na mesa, onde as mãos eram amassadas e unhas arrancadas.



Fonte: Arquivo pessoal.

Voltando ao que determina a construção do fato, apresentado anteriormente neste trabalho, pelo exposto com base na argumentação de Vesentini (1997), pensar nos



eventos sofridos como prisão ainda permite que as estruturas narradas por cada indivíduo continuem impessoal.

As memórias dos testemunhos ao ilustrar os acontecimentos abrem a discussão em torno das semelhanças entre si, mas o museu não permite que haja o contato com as memórias que não foram contadas, assim como as falas mudas e o que não foi dito sobre aquele período da história. No entanto, são as recorrências em comum que permitem comparar o passado ao escrever a história contada pelos Movimentos de Resistência que sofreram na prisão *Seodaemun*.

Ao construir a prisão, delimitar um órgão policial militar e investigativo com ordens que vão desde a investigação até a execução, o Império japonês possibilitou, mesmo sem querer, que o avanço na transformação estrutural fosse fragmentado. A partir daí, a sociedade coreana adquire um sentimento nacionalista ainda mais resistente, e a constância dos discursos nacionalistas ficaram mais fortes, permanecendo carregados de orgulho até os dias atuais.

### **Considerações finais**

O museu sugere a grandeza humana de homens e mulheres personagens do cotidiano, guiados por sentimentos nacionalistas e de insubmissão para reconciliar os sentidos do presente. Esses sentidos do presente se interpõem entre a verdade e a narrativa exposta através das fontes (objetos, diários, testemunho de sobreviventes etc.), mas é preciso refletir sobre a relação do conhecimento histórico com seu sujeito na construção da narrativa definida como o fato.

Podemos considerar *Seodaemun* como um dos mais importantes dispositivos de memória ativados pela sua organização. É, sem dúvida, um local que sugere a força e importância dos que lutaram, emudecendo totalmente outras memórias, outros sujeitos, impedindo, então, que haja formas de estabelecer conflitos dos discursos, por exemplo, como é a experiência para um turista japonês ao visitar o local onde sua nação não tem lugar de fala, além do retratado em cada sala.

A partir de processos culturais e sociais, a representação do passado exibido devido o acesso às memórias e testemunhos, ao narrar aquele local como o centro da brutalidade japonesa contra a nação coreana, permite definir as dimensões decisiva para compreensão, sobreposta acima de outras perspectivas históricas. O museu traz conjuntos de experiências de vida e histórias contadas por testemunhos, especificando certo domínio histórico e um presente que admite o seu passado. Passado que de certa forma, ainda é venerado, pois em seu presente o orgulho da luta exposta é fruto da

consciência nacional do hoje e continuará sendo ao amanhã.

## Referências

BROWN, Raymond Lamont. Kempeitai. Ruthless Policemen of the Rising Sun. *The Police Journal*, vol. 67, n. 2, pp. 163-167, abril 1994.

CUMINGS, Bruce. *Korea's Place in the Sun: a Modern History*. London: W.WNorton&Company. 2005.

FERREIRA, Maria Lucia Mazzucchi. Batalhas no campo da memória e dos museus: disputas sobre o sentido do passado, lutas pelo reconhecimento. In: CHAGAS, Mario de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (Org.). *A democratização da memória: a função social dos museus Ibero-Americanos*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

HAN, Woo-Keun. *The History of Korea*. Traduzido por Lee Kyung-shik. Editado por Grafton K. Mintz. Seoul: Eul-Yoo Publishing Co., 1970.

KOSELLECK, Reinhart. Sobre a teoria e o método da determinação do tempo. In: KOSELLECK, Reinhart. Parte II. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2006. 365p.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SATO, Noriko. Paying a visit to Soedaemun Prison History Hall. *Journal of North-east Asian Cultures*, Seoul, v. 1, n. 27, .27, pp. 169-186, 2011.

SETH, Michael J. *A concise History of Modern Korea: from the late nineteenth century to the present*. 1. ed. Maryland, United States of America: Rowman & Littlefield, 2010.

VESENTINI, Carlos Alberto. *A teia do fato*. São Paulo: Editora HUCITEC HISTÓRIA SOCIAL USP, São Paulo, 1997.

SETH, Michael J. *A concise History of Modern Korea: from the late nineteenth century to the present*. 1. ed. Maryland, United States of America: Rowman & Littlefield, 2010.